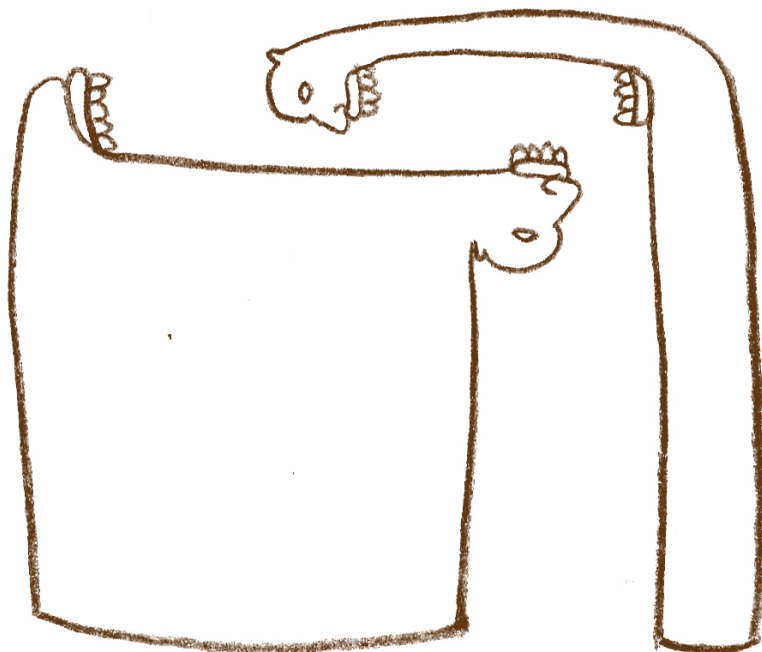


davi de  
jesus do  
nascimento  
( na boca  
da noite,  
os muruins )



A força das tradições artesanais norte-mineiras, da ancestralidade e das águas barrentas do São Francisco informa o universo singular de Davi de Jesus do Nascimento, que temos o prazer de apresentar em nosso espaço.

Trabalhando em sintonia com os tons e os temas da terra de artesãos marceneiros, barranqueiros e carranqueiros onde nasceu – e de onde não quer sair –, o artista confronta a norma das artes visuais contemporâneas em fazeres que amalgamam meios e matérias, fincam-se no chão de origem como princípio e fim, e dão vazão a um discurso próprio, carregado de poesia.

As *águas guardadas*, *derranhos* e *aguamentos barranqueiros* reunidos aqui nascem de um lugar onde se enredam, intensamente, arte e vida. Se a conexão do artista com a fisicalidade dos elementos que constituem seu lugar no mundo e com as

referências afetivas e culturais que o formaram e o sustentam é vital e comovente, ela produz, paradoxalmente, uma poética cosmopolita. Mirando a profundidade de seu mundo e sua gente, ele acerta o veio universal dos afetos, do assombro diante da transformação forçosa de tudo o que é orgânico, da relação com uma natureza que sabe ser doce e ser rude.

Como já fez de fato em uma performance, Davi de Jesus do Nascimento vai pelo mundo levando nas costas uma carranca de vinte quilos. Sua obra evoca berço e barco, peixe e família, origem e destino, e desvela um pedaço enorme do Brasil. Ligando pontos importantes, *na boca da noite*, os *muruius* integra-se ao projeto continuado de iluminar produções artísticas que, desgarrando-se do esperado, acabam alargando mundos.

INSTITUTO ÇARÊ

## na boca da noite, os muruins

Qualquer um que por ventura ou convite se encontre com o trabalho de davi terá a grata surpresa de, estando em raso desconhecido, ser levado despercebidamente a velejar no corpo d'outro, ser morador-passagem de uma terceira margem que se faz, no ritmo de serra e suor de correnteza, diante dos olhos dengosos de todo espectador. Quem vem ver ganha também um rio, um modo de navegar, alçar as velas dos próprios barcos, achar voragem pro significado que, não estando dado, carece de ser cavocado com as mãos.

davi de jesus do nascimento é um artista barranqueiro de Pirapora-MG, altura do maior trecho navegável do rio São Francisco. Seu trabalho vem conduzido nas águas desse rio que serve de cama e esteio ao “corpo-embarcação”, mas absorve também outros trânsitos e paragens de uma história familiar compartilhada e banhada no mesmo leito.

O artista é um coletor, herdeiro de um acervo de fotografias da família, e organizador de uma abundância de imagens que se empilham na margem das águas doces quando anoitece.

Na exposição *na boca da noite, os muruins*, davi seleciona trabalhos – entre fotografias, desenhos, pinturas e objetos – que têm, com ele, guardado certa permanência no tempo; e que dizem, de alguma forma, sobre parte do percurso feito até aqui, desde os tempos em que era singrador antigo e caminhava com uma carranca de vinte quilos na cacunda. No acervo, deixam-se conhecer pelas fotografias a mãe, que ainda jovem encantou-se, o pai, pescador e marceneiro, e o avô, João das Queimadas; além dos trânsitos, viagens e estadias à beira do rio com a família. Nesses registros, a noite e o rio não são apenas partes da paisagem, mas personagens a fabular junto com o

artista um segredo, em torno da luz amarelada do lampião e das locas abertas ao pé das árvores, passagens de terra sulcadas pela insistência das águas. De toda vida vivida e sabida, vem a água expor-lhe as raízes.

Embora a curadoria e o manejo com a fotografia sejam apenas um afluente do trabalho com a imagem, nele muitas vezes o artista orienta um modo de tatear o ofício de saber ver o que o rio outrora cuspiu, e de fazer desse exercício um *exorcismo de dor*, um modo de reorganizar a morte ou de trazer o corpo para ser testemunha de um movimento que não cessa de fazer-se. *exorcismo de dor* é, inclusive, o nome dado a uma série de fotos instantâneas – que também fazem parte desta exposição – em que o artista costura sobre a imagem de seu corpo as partes já mortas de animais.

Ainda nessa trouxa de alagada memória, davi coloca reunidos sempre em bando os desenhos da série *gritos de alerta*, carrancas-mensageiras que uma vez na proa dos barcos dão

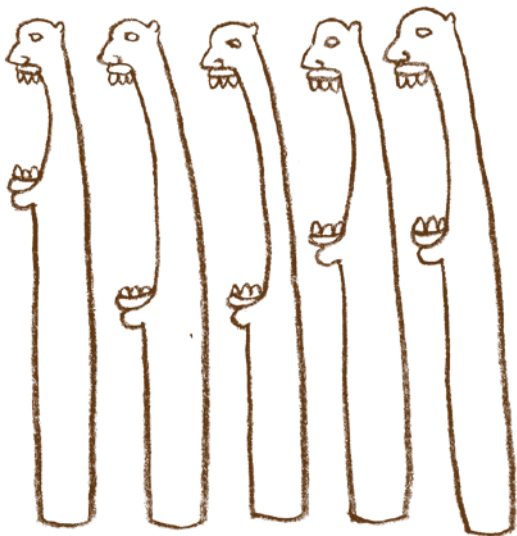
a falar dos sustos encontrados em águas longes. Essa viagem não finda sem que fiquem pelo caminho os rastros e o assombro das criaturas que habitam funduras; nestas estão fabulados os corpos dos *aguamentos*, um modo de informar que também a “correnteza zanza silêncios”.

Juntam-se ainda à reunião desse acervo objetos guardadores – um berço de fazer ninhar cardumes e carrancas e um pacote em cujas proas se dividem também duas possibilidades de travessia. Os objetos em madeira encharcada foram feitos a quatro mãos, pelo filho e pelo pai, e cortam o fluxo do rio imaginado fosse o ritmo da viragem o visgo que dá liga à ambiência de agora.

**BRENDA K. SOUZA** é cria ribeirinha do médio São Francisco e atua como escritora e pesquisadora pela Universidade de Brasília. É autora do livro de poemas *Ebó* (2021) e desenvolve pesquisa sobre diáspora afro-atlântica a partir do acervo sonoro do compositor Marku Ribas.

quando nasci alevim, em 1997, no fulgor norte-mineiro, banharam-me com o mesmo nome de meu pai, Davi de Jesus do Nascimento. sou barranqueiro curimatá, arrimo de muvuca e escritor fiado. gerado às margens do rio São Francisco – curso d’água de minha vida –, trabalho coletando afetos da ancestralidade ribeirinha e percebendo “quase-rios” no árido. fui criado dentro do emboloso da cumbuca de carranqueiros, pescadores e lavadeiras. o peso de carregar o rio nas costas bebe da nascente dos primeiros sóis que chorei na vida. sustentar na cacunda a carranca tem feito eu sentir a força do vento de minha taboca envergada no seguimento da rabiola solta que desceu em espiral gongo caracol envoltório para o calcanhar direito como cobra, isca, peixe e pedra.

## davi de jesus do nascimento



## na boca da noite, os muruins davi de jesus do nascimento

expografia UNA barbara e valentim cenografia Julio Cesar de Souza, Metro Dois design de luz Fernanda Carvalho Lighting Design montagem Miguel Freitas carranca Mestre Exedito identidade visual Luciana Facchini coordenação editorial Teté Martinho texto crítico Brenda K. Souza fotografia e edição Lucas Cruz comunicação Estúdio Voador educativo Ricardo Palamartchuk agradecimentos Ana Paula Vieira do Nascimento, Caio Esgario, Danilo Vieira do Nascimento, David de Jesus do Nascimento, Eliane Vieira do Nascimento, Francisca Reis da Costa, Instituto Acaia, Joana Vieira de Souza, João das Queimadas, Jordhanna Cavalcante, Priscila Magella, Rildo Pereira

Imagens de obras davi de jesus do nascimento, aguentos barranqueiros da série *sorvedouro*, diptico, aquarela sobre papel, 2023 (capa, foto Lucas Cruz); derranhos da série *gritos de alerta*, lápis marrom sobre papel, 2023 (p. 2 e p. 6); e *vestidura de enxague*, fotografia digital, 2021 (verso).

### INSTITUTO ÇARÉ

direção institucional Ana Cristina Cintra, Elisa Bracher direção geral Shen Ribeiro direção executiva Bia Tóth **NÚCLEO DE ARTES VISUAIS** direção Fabricio Lopez coordenação Gabi Mariano

REALIZAÇÃO

**ÇARÉ**  
artes visuais

APOIO CULTURAL

**sé** Mitre

**solum**  
tinta mineral ecológica

faz duas semanas que aqui não anoitece. toda vez que o sol cresce na boca a garganta inflama o estado de mudez de semente dentro da fruta na parte de trás do corpo – assado e febril –, carregando as dores que de frente fincam peixeiras enraizadas no quintal da cama. a casa pode ser pequena, mas o nosso quintal... ele precisa tocar o rosto dos barcos ancorados no dedo mindinho do rio. pela primeira vez sinto o relevo de um furúnculo em meu peito. com bastante pus regando minhas plantações de luto. como quem bebe o leite das mangas através dos olhos. como quem esquentava a água para um banho de xua no chão de vermelhão rachado. parece folia mas é velório. até hoje nossas avós fazem um fuá pra ver quem vai chupar a gordura dos olhos da cabeça do surubim que tio benedito pescou ontem. joana e joselita se aninham como os gongos, entupindo as veias do barro trincado que habita o silêncio árido das lesmas. quando penso no rio rindo raso rejeitando o ronco das rãs me lembro do último muruim marrom na boca da noite com luz alaranjada do velho poste na esquina do lodo com a poça recém pisada de lobas lumbrigueiras e fósseis de piranha na ponta da língua.

davi de jesus do nascimento

15/04 — 24/06

DE TERÇA A SÁBADO, DAS 13H ÀS 18H

ENTRADA GRATUITA

HORÁRIOS ESPECIAIS E AGENDAMENTO DE

GRUPOS: EXPOSICAO@INSTITUTOCARE.ORG.BR

**INSTITUTO ÇARÉ**

RUA DR. AVELINO CHAVES, 138

VILA LEOPOLDINA – SÃO PAULO, SP

